 Tempo de leitura: 8 min.

A devoção mariana de Dom Bosco nasce de uma relação filial e viva com a presença materna de Maria, experimentada em todas as fases de sua vida. Desde os pilares votivos erguidos durante a infância em Becchi, passando pelas imagens veneradas em Chieri e Turim, até as peregrinações realizadas com seus meninos aos santuários do Piemonte e da Ligúria, cada etapa revela um título diferente da Virgem — Consolata, Dolorosa, Imaculada, Nossa Senhora das Graças e muitos outros — que fala aos fiéis de proteção, conforto e esperança. O título que definiria para sempre sua veneração, no entanto, foi "Maria Auxiliadora": foi a própria Nossa Senhora, segundo a tradição salesiana, quem o indicou. Em 8 de dezembro de 1862, Dom Bosco confidenciou ao clérigo Giovanni Cagliero: "Até agora", acrescentou, "celebramos com solenidade e pompa a festa da Imaculada, e neste dia foram iniciadas as primeiras obras de nossos oratórios festivos. Mas Nossa Senhora quer que a honremos sob o título de Maria Auxiliadora: os tempos são tão tristes que realmente precisamos que a Santíssima Virgem nos ajude a conservar e defender a fé cristã." (MB VII, 334)

Os títulos marianos

Escrever hoje um artigo sobre os "títulos marianos" sob os quais Dom Bosco venerou a Santíssima Virgem durante a sua vida pode parecer fora de lugar. Alguém, de fato, poderia dizer: Nossa Senhora não é uma só? Para que servem tantos títulos se não para criar confusão? E então, afinal de contas, a Nossa Senhora de Dom Bosco não é Maria Auxiliadora?

Deixando para os especialistas as reflexões mais profundas que justificam esses títulos do ponto de vista histórico, teológico e devocional, vamos nos contentar com uma passagem da "Lumen Gentium", o documento sobre a Igreja do Concílio Vaticano II, que nos tranquiliza, lembrando-nos de que Maria é nossa mãe e que "com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada. *Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de Advogada, Auxiliadora, Socorro, Medianeira" (Lumen Gentium 62)*.

Esses quatro títulos admitidos pelo Concílio, bem considerados, englobam em síntese toda uma série de títulos e invocações com os quais o povo cristão chamou Maria, títulos que fizeram Alexandre Manzoni exclamar:

«O Vergine, o Signora, o Tuttasanta, che bei nomi ti serba ogni loquela: più d'un popol superbo esser si vanta in tua gentil tutela» (de *"Il nome di Maria*"). [Ó Virgem,

ó Senhora, ó Santíssima, toda oração te reserva grandes nomes. Muitos povos se gloriam orgulhosamente de serem guardados sob a tua proteção] (de "*O Nome de Maria"*).

A própria Liturgia da Igreja parece entender e justificar os louvores que o povo cristão eleva a Maria, quando pergunta: "Como cantaremos teus louvores, Santa Virgem Maria?".
Portanto, deixemos as dúvidas de lado e vejamos quais títulos marianos eram caros a Dom Bosco, antes mesmo que ele difundisse o de Maria Auxiliadora em todo o mundo.

Em sua juventude

As edículas ou ermidas sagradas espalhadas pelas ruas das cidades em muitas partes da Itália, as capelas e os pilares rurais encontrados nos cruzamentos de estradas ou na entrada de estradas particulares em nossas terras constituem um patrimônio de fé popular que até hoje o tempo não apagou.
Seria uma tarefa árdua calcular exatamente quantas podem ser encontradas nas estradas do Piemonte. Somente na área de "Becchi-Morialdo" há cerca de vinte, e nada menos que quinze na área de Capriglio.
Em sua maioria, são pilares votivos herdados dos antigos e restaurados várias vezes. Há também os mais recentes que documentam uma piedade que não desapareceu.
O pilar mais antigo da região de Becchi parece datar de 1700. Foi erguido no fundo da "planície" em direção ao *Mainito*, onde as famílias que viviam na antiga "*Scaiota*", mais tarde uma propriedade rural salesiana, agora em reforma, costumavam se reunir.
Esse é o pilar da Consolata, com uma pequena estátua da Virgem Consoladora dos Aflitos, sempre homenageada com flores do campo trazidas pelos devotos.
Joãozinho Bosco deve ter passado por esse pilar muitas vezes, tirando o chapéu, talvez dobrando o joelho e murmurando uma Ave Maria, como sua mãe lhe ensinara.
Em 1958, os salesianos reformaram o velho pilar e, com um solene serviço religioso, o inauguraram para um renovado culto da comunidade e da população.
Aquela pequena estátua da Consolata poderia ter sido a primeira efígie de Maria que Dom Bosco venerou ao ar livre durante sua vida.

Na antiga casa

Sem mencionar as igrejas de Morialdo e Capriglio, não sabemos exatamente

quais imagens religiosas estavam penduradas nas paredes da propriedade Biglione ou da “Casetta” de Dom Bosco. Sabemos que mais tarde, na casa de José, quando Dom Bosco foi se hospedar lá, pôde ver dois quadros antigos nas paredes de seu quarto, um da Sagrada Família e outro de Nossa Senhora dos Anjos. Assim assegurou a Irmã Eulália Bosco. Onde José as conseguiu? Será que João as viu quando era menino? O da Sagrada Família ainda está em exibição hoje no quarto do meio, no primeiro andar da casa de José. Mostra São José sentado em sua mesa de trabalho, com o Menino nos braços, enquanto Nossa Senhora, de pé do outro lado, observa.

Sabemos também que na propriedade Moglia, perto de Moncucco, Joãozinho costumava fazer as orações e rezar o rosário com a família dos proprietários em frente de um pequeno quadro de Nossa Senhora das Dores, que ainda é mantido nos Becchi no primeiro andar da casa de José, no quarto de Dom Bosco, acima da cabeceira da cama. Ele está muito enegrecido, com uma moldura preta contornada em ouro na parte interna.

Em Castelnuovo, Joãozinho tinha ocasiões frequentes de ir à Igreja de Nossa Senhora do Castelo para rezar à Santíssima Virgem. Na Festa da Assunção, os habitantes do vilarejo levavam a estátua de Nossa Senhora em procissão. Nem todo mundo sabe que essa estátua, assim como o quadro do ícone no altar-mor, representam Nossa Senhora da Correia, a dos Agostinianos.

Em Chieri, o estudante e clérigo seminarista João Bosco rezou muitas vezes no altar de Nossa Senhora das Graças na Catedral de Santa Maria da Escada, no do Santo Rosário na Igreja de São Domingos e diante da Imaculada Conceição na capela do Seminário.

Assim, em sua juventude, Dom Bosco teve a oportunidade de venerar Maria Santíssima sob os títulos de Consolata, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora do Rosário e Imaculada.

Em Turim

Em Turim, João Bosco já havia ido à Igreja de Nossa Senhora dos Anjos para fazer o exame de admissão à Ordem Franciscana em 1834. Voltou lá várias vezes para fazer os Exercícios Espirituais, em preparação para as Ordens Sagradas, na Igreja da Visitação, e recebeu as Ordens Sagradas na Igreja da Imaculada Conceição, na Cúria Arquiepiscopal.

Quando chegava ao Colégio Eclesiástico, certamente rezava com frequência diante da imagem da Anunciação, na primeira capela à direita, na Igreja de São Francisco de Assis. A caminho da Catedral entrando, como é costume ainda hoje, pelo portal da direita, quantas vezes ele parou por um momento em frente à antiga estátua de

Nossa Senhora das Graças, conhecida pelos antigos turinenses como “La Madòna Granda”.
Se pensarmos, então, nas caminhadas de peregrinação que Dom Bosco costumava fazer com seus meninos de Valdocco aos santuários marianos de Turim nos dias do Oratório itinerante, podemos nos lembrar, em primeiro lugar, do Santuário da Consolata, o coração religioso de Turim, cheio de lembranças do primeiro Oratório. Dom Bosco levou muitas vezes os seus jovens à “Consolata”. Ele mesmo recorreu à “Consolata”, em lágrimas, quando da morte de sua mãe.
Mas não podemos nos esquecer dos passeios pela cidade a Nossa Senhora do Pilar, Nossa Senhora da Campanha, no Monte dos Capuchinhos, à Igreja da Natividade em Pozzo Strada, à Igreja das Graças em Crocetta.
A viagem de peregrinação mais espetacular daqueles primeiros anos do Oratório foi a Nossa Senhora de Superga. Essa monumental igreja dedicada à Natividade de Maria lembrou aos jovens de Dom Bosco que a Mãe de Deus é “como uma aurora que surge”, um prelúdio da vinda de Cristo.
Assim, Dom Bosco fez com que seus meninos vivenciassem os mistérios da vida de Maria por meio de seus mais belos títulos.

Nos passeios de outono

Em 1850, Dom Bosco inaugurou os passeios “ao ar livre”, primeiro nos Becchi e arredores, depois nas colinas de Monferrato até Casale, de Alexandria até Tortona e na Ligúria até Gênova.
Nos primeiros anos, seu destino principal, se não exclusivo, era os Becchi e arredores, onde celebrava a festa do Rosário com solenidade na pequena capela erguida no andar térreo da casa de seu irmão José em 1848.
Os anos de 1857 a 1864 foram os anos dourados das caminhadas de outono, e os meninos participavam delas em grupos cada vez maiores, entrando nos vilarejos com a banda de música à frente, recebidos festivamente pelo povo e pelos párocos locais. Eles descansavam em celeiros, comiam refeições frugais de camponeses, realizavam cultos devotos nas igrejas e, à noite, faziam apresentações em um palco improvisado.
Em 1857, o destino da peregrinação foi *Santa Maria di Vezzolano*, um santuário e abadia muito queridos por Dom Bosco, localizados abaixo do vilarejo de Albugnano, a 5 km de Castelnuovo.
Em 1861, foi a vez do *santuário de Crea*, famoso em todo o Monferrato. Naquela mesma viagem, Dom Bosco levou novamente os meninos a Nossa Senhora do Poço, em São Salvador.
Em 14 de agosto de 1862, de Vignale, onde se encontravam os jovens, Dom Bosco

conduziu o alegre grupo em uma peregrinação ao santuário de *Nossa Senhora das Graças*, em *Casorzo*. Poucos dias depois, em 18 de outubro, antes de deixarem *Alexandria*, foram novamente à catedral para rezar a *Nossa Senhora da Salve (Rainha)*, venerada com tanta piedade pelos alexandrinos, para obter uma feliz conclusão de seu passeio.
Também na última caminhada de 1864 em Gênova, no caminho de volta, entre Serravalle e Mornese, um grupo liderado pelo P. Cagliero fez uma devota peregrinação ao santuário de *Nossa Senhora da Guarda*, em *Gavi*.
Esses passeios de peregrinação retomavam os vestígios de uma religiosidade popular característica de nosso povo; eram a expressão de uma devoção mariana, que João Bosco havia aprendido com sua mãe.

E mais ainda...

Nos anos de 1860, o título de Maria Auxiliadora começou a dominar a mente e o coração de Dom Bosco, com a construção da igreja com a qual ele sonhava desde 1844 e que se tornou o centro espiritual de Valdocco, a igreja-mãe da Família Salesiana, o ponto de irradiação da devoção a Nossa Senhora, invocada sob esse título.
Mas as peregrinações marianas de Dom Bosco não cessaram por causa disso. Basta segui-lo em suas longas viagens pela Itália e pela França para ver com que frequência ele aproveitava a oportunidade para uma visita rápida ao santuário da Virgem do lugar.
De *Nossa Senhora de Oropa*, no Piemonte, a *Nossa Senhora do Milagre, em Roma*; de *Nossa Senhora do Boschetto, em Camogli*, a *Nossa Senhora de Gennazzano*; de *Nossa Senhora do Fogo, em Forlì*, a *Nossa Senhora do Olmo, em Cuneo*; de *Nossa Senhora da Boa Esperança, em Bigione*, a *Nossa Senhora das Vitórias, em Paris*.
Nossa Senhora das Vitórias, colocada em um nicho dourado, é uma rainha de pé, segurando seu Filho Divino com as duas mãos. Jesus tem seus pés apoiados na bola estrelada que representa o mundo.
Diante dessa Rainha das Vitórias em Paris, Dom Bosco fez um “sermão de caridade” em 1883, ou seja, uma dessas conferências para obter ajuda para suas obras de caridade para jovens pobres e abandonados. Foi sua primeira conferência na capital francesa, no santuário que é para os parisienses o que o santuário da Consolata é para o povo de Turim.
Esse foi o ponto culminante das andanças marianas de Dom Bosco, que começaram aos pés da coluna da Consolata, sob a “Scaiota” dos Becchi.